



LARANJAS, DICKENS E SÃO MIGUEL

**LARANJAS, DICKENS E SÃO MIGUEL**

**A propósito de “Oranges And Lemons”,  
Introdução, tradução e notas de  
Leonor Sampaio da Silva**

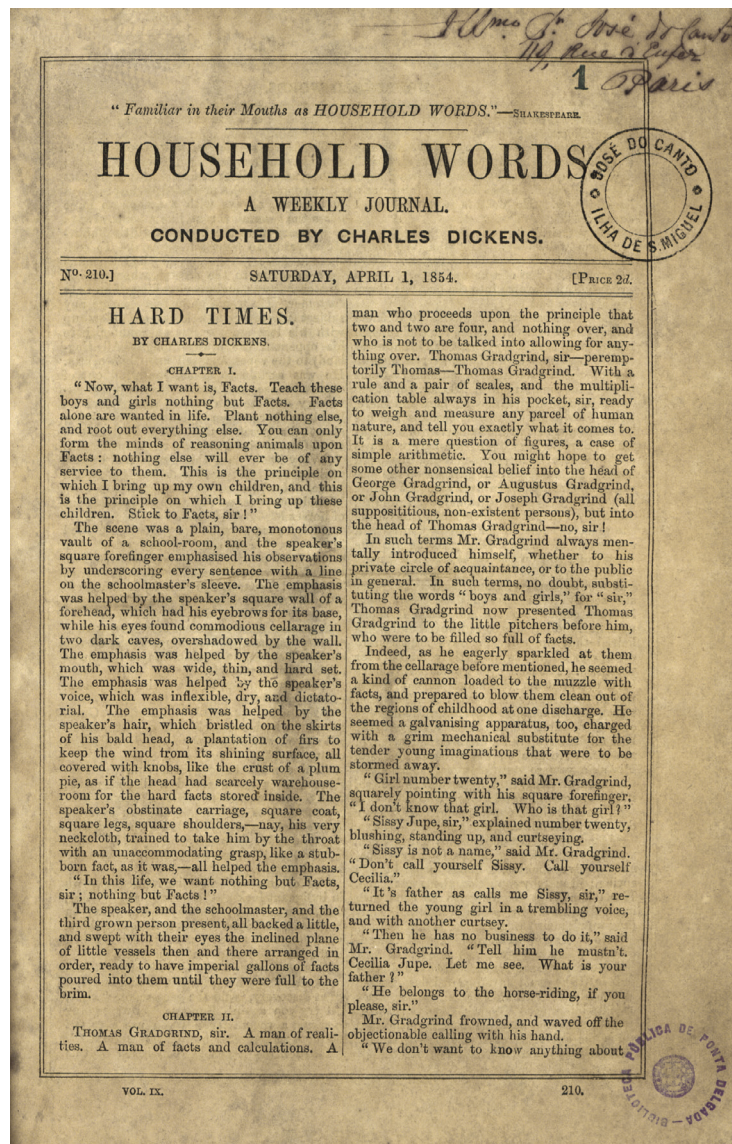


**BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO REGIONAL DE PONTA DELGADA**

**Dezembro 2010**



NOTA DE ABERTURA .....	9
VOZES E ESCRITAS EM "LARANJAS E LIMÕES" .....	13
LARANJAS E LIMÕES .....	29



## NOTA DE ABERTURA

Charles Dickens, o grande romancista do século XIX, ficou célebre no imaginário popular da Inglaterra vitoriana pelos seus *Christmas Carols* (Contos de Natal) e, atendendo à quadra festiva que atravessamos, julgámos oportuno trazer ao conhecimento público – em jeito de história *pelo* Natal – um texto publicado numa revista por ele dirigida – *Household Words* – onde são feitas considerações do maior interesse sobre os Açores e a exportação de laranja para os mercados de Londres.

Muito embora esse texto – intitulado “Oranges and Lemons” – não seja da autoria de Charles Dickens nem possua qualquer recorte literário digno de nota, apresenta contudo o indiscutível valor de documentar um ciclo histórico – o da laranja – determinante para a dinâmica de modernidade que a sociedade açoriana e micalense viveu ao longo do século XIX. Terá sido essa a razão pela qual José do Canto – em cuja Livraria particular, à guarda desta Biblioteca, se encontra a

referida revista – arquivou um número solto da *Household Words* na sua colecção de periódicos, sublinhando e anotando diversas passagens do artigo dedicado ao comércio dos citrinos. Curiosamente, nesta mesma edição – datada de 1 de Abril de 1854 – teve início a publicação do famoso romance *Hard Times*, importante testemunho literário da transformação operada pela Revolução Industrial na paisagem das cidades inglesas, mas a atenção de José de Canto – como a de qualquer *gentleman farmer* açoriano – foi naturalmente dirigida para o texto que versava a principal produção agrícola da sua pátria insular – a Laranja.

Mais de século e meio volvido sobre os eventos aqui relatados, pareceu-nos desejável resgatar do silêncio as páginas da revista dirigida por Dickens, tendo a B.P.A.R.P.D. decidido reeditar (e traduzir) o texto intitulado “Oranges and Lemons”, convidando para esse efeito Leonor Sampaio da Silva, Coordenadora do curso de 2º ciclo em Tradução e Assessoria Linguística do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores, a quem nos compete agradecer a generosa e qualificada colaboração prestada, que tanto veio enriquecer a publicação agora dada à estampa.

Uma palavra final para reforçar a ligação desta iniciativa à presente quadra natalícia: a laranja, ainda hoje presente em muitos presépios açorianos, fez parte integrante do Natal vitoriano celebrado na Inglaterra da segunda metade do século XIX, quer sob a forma de *orange marmelade* ou ornamento decorativo, nas casas abastadas, quer enquanto prenda deixada por São Nicolau – vulgo Pai Natal – nas meias de lã dos lares mais pobres.

E é precisamente neste sentido – de oferta – que a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada quer partilhar com todos a memória de um fruto dourado que em tempos aqueceu o Natal de muitas famílias, inglesas e açorianas.

A DIRECÇÃO da B.P.A.R.P.D.



## VOZES E ESCRITAS EM “LARANJAS E LIMÕES”

### 1. TRÊS VOZES

Publicado a 1 de Abril de 1854 na revista semanal fundada e dirigida por Charles Dickens, *Household Words*, “Laranjas e limões” revela-se um texto merecedor de atenção por vários motivos. Em primeiro lugar, elege como seu assunto nuclear um elemento marcante na história económica dos Açores – a laranja de São Miguel –, cuja importância no contexto açoriano do século XIX extravasa o âmbito (já de si bastante significativo) da riqueza gerada pela produção desse fruto. Com efeito, graças à afluência proporcionada pelo comércio da laranja, sobretudo no articulado da sua exportação para Inglaterra, os modos e as modas de uma elite que enriquece e/ou consolida o seu poder com os lucros provenientes dos laranjais projectam-se na mudança socioeconómica, política e cultural do arquipélago. É aqui que o primeiro motivo apontado como expressivo do interesse do texto entronca no segundo.

O artigo publicado em *Household Words* apresenta a característica curiosa de subverter a lógica das identificações que nos habituámos a encontrar no mundo editorial: se dele não se conhece o autor<sup>1</sup>, conhece-se todavia um leitor claramente identificado – por sinal, um dos micalenses mais influentes no desenho da paisagem<sup>2</sup> insular. Residindo à época em Paris, na verbalmente sinistra *Rue d’Enfer*, José do Canto<sup>3</sup> recebe a revista, lê o texto sobre as laranjas da sua

---

1] Um estudo de Anne Lohrli (*Household Words: A Weekly Journal 1850–1859 Conducted by Charles Dickens*, Toronto: University of Toronto Press, 1973) dá conta da existência de trezentos e noventa colaboradores, de diversas idades, profissões e habilitações académicas, entre os quais se contavam cerca de noventa mulheres. Das quase quatro centenas de colaboradores, apenas trinta e cinco contribuía regularmente com textos sobre os mais variados tópicos. Os artigos raramente eram assinados, à excepção dos casos de publicação serial de obras literárias.

2] Veja-se a tese de doutoramento de Pedro Maurício Borges, *O desenho do território e a construção da paisagem na ilha de São Miguel, Açores, através de um dos seus protagonistas*, apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2007.

3] A relevância desta figura no articulado da fidalguia rural micalense é alvo da atenção de Carlos Guilherme Riley no estudo intitulado “José do Canto, um *gentleman farmer* açoriano”, in: *Análise Social*, vol. XXXVI (160), Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2001, 685–709. Um dos aspectos destacados é a sua acção em prol do esclarecimento por via jornalística. Com efeito, a ele se deveu “a iniciativa e suporte financeiro” (pág. 698) da publicação do primeiro periódico português dedicado à ilustração da classe agrícola, *O Agricultor Michaelense*, cujo número inaugural aparece a 20 de Outubro de 1843.

“pátria”<sup>4</sup> e regista na margem inferior do papel um conjunto de anotações através das quais corrige, comenta e aprofunda as informações que lê.

Uma terceira voz, a que corresponde outro motivo de interesse do texto, é a do encontro linguístico e cultural do inglês com o português, dois sistemas diferentes no léxico, na sintaxe, na religião, nos actos simbólicos e científicos, mas que se intersectaram ao longo dos anos, influenciando-se reciprocamente. Ora porque recupera a memória popular do pregão com que se ouve a criança anunciar, em inglês, a laranja micalense, a qual era, nas ruas de Londres, “a *São Miguel*”, ora porque nos transporta para a lengalenga infantil que dá título ao texto ou ainda porque se auto-expõe à medida que empreende a descrição do Outro, a voz autoral recorda a memória de um povo vertida em palavras que retratam o ambiente da Inglaterra vitoriana tanto quanto descrevem aos leitores anglófonos os matizes da produção e da comercialização da laranja de São Miguel.

## 2. A TERCEIRA VOZ

Ao desdobrar as sonoridades desta terceira voz, deparamo-nos logo no título com um eco da cultura popular inglesa. “Oranges and Lemons” é uma conhecida canção

---

4] Vocábulo com que recorrentemente se refere à ilha na correspondência que mantém com familiares e amigos. Veja-se, a propósito, as inúmeras citações destas cartas que Maria Filomena Mónica integra no seu livro *Os Cantos*, Lisboa: Alêtheia Editores, 2010.



infantil, acompanhada por uma dança em que crianças aos pares dão as mãos e elevam-nas de forma a fazerem um arco sob o qual passam em fila outras crianças. Enquanto desfilam as crianças, os pares vão subindo e baixando as mãos, em movimentos que procuram sugerir a acção de decapitar. Quando a canção termina, a criança que for apanhada pelos braços descidos, decidirá se é “laranja” ou “limão”. No final da dança, há uma batalha entre os dois grupos de “citrinos”. A letra, que apresenta duas versões (a mais longa sendo menos conhecida), fala-nos de pobreza, dívidas e pagamento de empréstimos, embora outras interpretações a associem (na sua versão mais extensa) a uma lista de casamento e ao rol de decapitações decretadas por Henrique VIII sempre que uma nova paixão o impelia a ver-se livre da mulher com quem estava casado. Repare-se na letra da versão mais curta:

*Oranges and lemons  
Say the bells of St Clements  
You owe me five farthings  
Say the bells of St Martins  
When will you pay me?  
Say the bells of Old Bailey  
When I grow rich  
Say the bells of Shoreditch  
When will that be?  
Say the bells of Stepney  
I'm sure I don't know  
Says the great bell at Bow  
Here comes a candle to light you to bed  
Here comes a chopper to chop off your head*

*Chop chop chop chop the last man's head*

Além dos elementos anteriormente indicados, nota-se ainda a referência persistente aos sinos de igrejas londrinas (algumas actualmente inexistentes), o que assume particular interesse quando sabemos através dos textos que Dickens reuniu sob a designação de *Picwick Papers* que alguns negociantes de fruta pagavam uma quantia em laranjas e limões às paróquias cujos terrenos confrontavam ora com desembarcadouros, ora com mercados onde esses frutos eram comercializados, a troco de autorização para usarem os terrenos como atalhos no transporte dos frutos. Histórico ou ficcional, este pormenor acrescenta aos factos relatados no texto de que nos ocupamos (a miséria das crianças que apregoavam fruta na rua, as péssimas condições dos mercados vitorianos, a procura concorrida da laranja de São Miguel, a importância do consumo desse fruto para a saúde pública, nomeadamente por entre os membros das classes mais baixas, os efeitos económicos da máquina a vapor, a rapidez dos transportes ferroviários, o grande impulso que o comércio da laranja deu à construção naval e à formação de tripulações competentes) o sabor único que resulta do cruzamento entre o conhecimento histórico e a curiosidade cultural.

Por falar em curiosidade cultural, será impossível deixar passar em branco o pregão singular com que se colocava *debaixo do nariz dos londrinos*<sup>5</sup> a novidade da recém-chegada laranja de São Miguel, em cada início de época. Se, no século XIX, *São Miguel* era um par de palavras inequivocamente

---

5] No original, “thrust into London faces”, uma formulação que, como se verá adiante, colocou alguns problemas de tradução e que acabou por ser vertida em português num arranjo diferente deste que aqui se apresenta.

interpretado como designando a laranja micaelense, hoje em dia um anúncio que exiba os dizeres “fine Saint Michael’s” remete imediatamente para artigos comercializados pela marca *Marks & Spencer*, também conhecida na linguagem quotidiana como *Saint Michael’s*.

### 3. DUAS VOZES (S)EM DIÁLOGO

Igualmente digno de nota é o resultado da proximidade, pela escrita, das duas vozes que nos falam de modo mais directo nesse texto: a do autor anónimo e a do leitor José do Canto. Enquanto a terceira voz torna presente a memória cultural de uma Inglaterra dividida entre a máquina e o jardim, pobres vendedores de rua e ricos industriais e negociantes, ou ainda entre o desenvolvimento científico que desembocou na máquina a vapor e o talento literário que produziu um Dickens, remetendo-nos para um passado repleto de histórias e memórias, a primeira voz transmite, com uma inequívoca intenção de ilustração pública, muito mais do que os dados objectivos referentes ao artigo que o seu país importava dos Açores e consumia com deleite. Assumindo o papel de formador de uma opinião pública esclarecida, o autor sublinha a necessidade de os leitores valorizarem uma mercadoria que enriquece de igual modo exportadores e importadores; na mesma qualidade, critica as políticas proteccionistas do seu país, avalia o desempenho dos barcos e dos profissionais da marinha britânica e incorre nalguns exercícios contrafactuais, como o de prever o futuro de Southampton.

Além dos comentários com que analisa a situação do seu país, esta primeira voz também opina sobre outros povos e culturas. É quando o *eu* da escrita retrata o *Outro* que melhor se nota o peso simbólico do olhar. O que ele vê é filtrado pelas circunstâncias específicas da sua experiência de vida enquanto inglês vitoriano, o que inevitavelmente contamina tanto o campo de visão como o discurso que descreve este mesmo campo com manchas e distorções provocadas por inexactidões, expectativas e preconceitos.

Por sorte (nossa) e azar (dele), fazem parte deste universo plural do *Outro* retratado, não apenas “os trabalhadores” anónimos que a cultura da laranja emprega, “os habitantes queimados dos países tropicais”, os “orientais” que ansiosamente procuram um pomar que ofereça um refúgio refrescante no ambiente tórrido<sup>6</sup> onde decorre as suas vidas, ou o agricultor açoriano que – assim nos é dito – oferece de dote às suas filhas um certo número de laranjeiras carregadas de frutos, mas José do Canto, um leitor que se distingue da massa anónima em que o autor o integra ao sobrepor a sua própria voz à da escrita que lhe retira identidade singular e o define culturalmente de forma incorrecta. É esta segunda voz que escreve, ao saber do dote das noivas açorianas, “Pela primeira vez que tal ouço”, que corrige os números relativos à produção das laranjeiras e das exportações de laranja, que completa as informações relativas ao tipo de navios e

---

6] Podemos questionar se esta procura ávida por pomares de citrinos é real ou uma projecção do comportamento do autor, um acto de deslocação para o *Outro* da sua própria necessidade de refúgio refrescante em face do cenário (imaginado ou realmente acontecido) de viver nas zonas mais quentes do planeta.

às empresas de transporte marítimo, que revela a avidez de conhecimento que o caracterizava em face de uma indicação imprecisa sobre “o canto de aves de plumagem deslumbrante”.

É também pela expressão escrita que esta segunda voz reclama o direito a um espaço de afirmação própria que corrija as distorções do olhar de um *eu* autoral que é agora transformado em *Outro*. Quando o examinado se transforma em examinador, confluem uma vez mais os registos objectivo e subjectivo no esboço da segunda versão do campo que tinha sido inicialmente apresentado pela primeira voz. A correcção das inexactidões raramente é impessoal. José do Canto coloca-se em diálogo com o autor ao recorrer a uma estratégia comunicativa frequentemente usada nos encontros orais, e que consiste em usar de delicadeza (por vezes irónica) para consolidar a pertinência da correcção: perante os números que informam que uma laranjeira chega a produzir vinte caixas de laranjas de mil frutos cada, o leitor escreve: “Perdão, 6 caixas” e “Perdão, c/ª 800 laranjas”. Sem esperar o perdão do autor, que nunca o leria, o pedido de desculpas ocupa o lugar fronteiro do que se diz sem se dizer: não denunciará a teatralização de arrependimento sem humildade o carácter imperdoável do erro alheio?

De forma mais expressiva, até brutal, duas outras investidas contra o desconhecimento da língua e da cultura de São Miguel conhecem uma expressão visual agressiva, embora sejam verbalmente silenciadas. Num caso, o autor erra a grafia de “casinhas”, apresentando o termo no género masculino. José do Canto não perdoa: a marca do masculino é asfixiada por um borrão que fere a respeitabilidade de que geralmente goza a autoridade do sujeito da escrita. Noutra situação, a

primeira voz designa os festejos açorianos como sendo *tea-parties*. Mais uma vez, José do Canto mostra-se incapaz de ser brando no castigo: risca integralmente a palavra com dois traços horizontais, certamente por não considerar razoável o equivalente lexical que o autor encontrou para designar as práticas de convívio da sua ilha. O arroubo de patriotismo linguístico-cultural contra a invasão anglófona dispensa, neste caso, estratégias de comunicação delicada com o *Outro*. Não só não há pedidos de desculpa para a mutilação do texto como um significativo silêncio acompanha estes actos de agressão a tinta. O leitor apercebeu-se de que não há diálogo possível com alguém que não fala a sua língua.

#### 4. DUAS ESCRITAS EM APUROS

Na verdade, o autor já tinha notado quão difícil era falar de uma realidade para a qual lhe faltavam as palavras, embora não apresente sinais de alguma vez ter sentido falta-lhe competência para se pronunciar sobre as laranjas ou os povos de outros países. O exemplo mais flagrante de que a primeira voz se afligiu ao esbarrar com a tarefa complicada de escrever sobre o *Outro* no seu próprio idioma é o da importação de palavras do léxico português para o texto inglês. Se, no caso das *casinhas* tornadas “casinhos”, as habitações sofrem uma desfiguração que as transforma num *pequeno caso* de *lost in translation*, já o mesmo não pode ser dito a propósito das *quintas*. Incapaz de encontrar um equivalente anglófono para esta realidade do mundo rural açoriano, o autor transfere o vocábulo português para a sua língua materna sem o estropiar, tendo o cuidado de explicar que se trata de

um pomar de laranjeiras, mas desconfiando de que “orange garden” não traduzirá por completo o sentido de *quinta*.

Consciente dos escolhos com que se deparam as navegações por línguas estrangeiras, a tradução portuguesa que agora se apresenta também conheceu alguns momentos de angústia. Um deles, já aqui indicado, consistiu no transporte da imagem que, no texto de partida, nos coloca perante laranjas *atiradas à cara dos londrinos* (“thrust into London faces”). Esta passagem tem a particularidade de vincar o contraste entre a existência pacífica destes frutos em terras micalenses, impelidos por brisas suaves e integrados num ambiente paradisíaco, e as condições turbulentas da sua chegada à cidade fervilhante de Londres, onde eram vendidos ao som de pregões estridentes e de mãos estendidas à cara dos transeuntes.

A dificuldade de traduzir este excerto pode ser verificada pela proliferação de versões que só nesta publicação se oferece dele. Há pouco, antes de ter sido *atirada à cara dos londrinos*, a tradução proposta para esta imagem foi a de laranjas colocadas *debaixo do nariz dos londrinos*. Na versão final, uma terceira possibilidade apresenta uma formulação mais suave do comportamento dos vendedores. São várias as razões que explicam a solução preferida, entre as quais se conta o desejo de não perturbar o equilíbrio estilístico do tom geral do texto. Mas outros argumentos pesaram na decisão final. Porque *atirar à cara* tem, na língua portuguesa, um sentido metafórico que não encontra paralelo na versão literal em língua inglesa, revelou-se necessário usar de alguma cautela na selecção do elemento do rosto que seria estimulado pelos pregões dos vendedores, ou seja, na escolha

entre ouvidos, nariz e olhos. *Pôr debaixo do nariz* será a formulação mais representativa da intensidade dramática de “thrust into London faces”, mas tem contra si o facto de desviar as atenções dos leitores portugueses para um elemento mais frequentemente associado à cegueira que inviabiliza a percepção do que está *debaixo dos olhos*, como acontece, por exemplo, no caso de quem *não vê um palmo à frente do nariz*. A solução encontrada para este problema de selecção fisionómica consistiu em sublinhar a importância da visão nos rostos dos londrinos que se cruzavam com os vendedores de laranjas. O leitor da versão portuguesa encontrará, portanto, as laranjas micalenses postas “diante dos olhos de Londres”.

## 5. ÚLTIMAS VOZES E ESCRITAS

Londres não precisava de ser recordada do valor de São Miguel. Afinal, como afirma um “Insulano Micalense” do século XIX, era aqui que a Inglaterra tinha a sua quinta<sup>7</sup>. A centralidade que a laranja de São Miguel ocupa em “Oranges and Lemons” testemunha a importância desta fruta e da ilha

---

7] Cf. *Considerações patrióticas dum Insulano Micalense* (Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1820). A referência a São Miguel como sendo a quinta de Inglaterra surge nas páginas 7 e 8 do referido panfleto. Nesta última página, pode-se ler: “Quando os Ingleses apellidarão a Ilha de S. Miguel sua quinta, não cessarão de receber milhões sobre milhões [...]”. A investigação empreendida por Fátima Sequeira Dias reforça esta caracterização de São Miguel ao apresentar dados que comprovam que 95% das exportações de citrinos micalenses se destinavam ao mercado britânico (*Os Açores na História de Portugal, séculos XIX-XX*, Lisboa: Livros Horizonte, 2008, pág. 49).

que a produzia no agitado mundo da Inglaterra vitoriana. Desempenhando um papel acessório (pelo menos, no texto que é publicado a 1 de Abril de 1854 em *Household Words*), o limão completa a utilidade do consumo de fruta para a saúde dos ingleses, mas é a laranja que, no fim do artigo, é associada a uma vida feliz – o limão previne as doenças a bordo, mas a laranja dá prazer à vida em terra<sup>8</sup>; o primeiro é um fruto útil, a segunda é um “objecto raro” e, por conseguinte, desejável.

Se nos interrogarmos sobre que terra mais beneficiou com os laranjais micalenses, encontrar-nos-emos divididos entre as vantagens que a laranja trouxe para uma elite<sup>9</sup> nos

---

8] A associação entre a vida agrícola e a felicidade está, aliás, inscrita no código de valores inglês, tendo aumentado sob o efeito de uma industrialização da qual os vitorianos eram psicologicamente inimigos (tese defendida por Martin J. Wiener, em *English Culture and the Decline of the Industrial Spirit, 1850–1980*, Penguin Books, Harmondsworth, 1992). O próprio Dickens não foi alheio a esta tendência, ao contrastar no capítulo 6 da última secção de *Hard Times*, “The Starlight”, a cidade de Coketown com o cenário oferecido por um passeio no campo. De igual modo, nos Açores, José do Canto e os membros da Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense apresentavam a mesma inclinação, a qual conhece um momento expressivo no livro de António Feliciano de Castilho, *A Felicidade pela Agricultura*, impresso pela primeira vez em Ponta Delgada, em 1849.

9] Como lembra Maria Filomena Mónica, uma grande parte desta elite era constituída por “proprietários ligados à exportação da laranja e todos primos” (*Os Cantos*, *op. cit.*, pág. 23. Ênfase acrescentado.) Fátima Sequeira Dias sugere que a impressão generalizada de riqueza afectando todos os habitantes da ilha não se coadunaria com o inegável favorecimento de um grupo minoritário quando afirma que “paralelamente aos exemplos de opulência e de prosperidade de alguns, muitos continuavam a encontrar-se na necessidade de embarcar para o Brasil” (*op. cit.*, pág. 54).

Açores e os benefícios que ela estendeu a uma população mais vasta em Inglaterra. A fazer fé naquilo que nos diz o colaborador de Dickens, as primeiras remessas de laranjas chegavam ao mercado londrino em Novembro, mas os conterrâneos de José do Canto “raramente” provavam “o fruto antes de Janeiro”, apesar de viverem no lugar onde ele era produzido.

Verdadeira ou falsa, esta e outras informações que não conseguimos confirmar, ou que são dadas como incorrectas por algumas vozes e escritas<sup>10</sup>, têm a seu favor o facto de encorajarem em nós o exercício de uma atitude indagante e interpretativa. A coexistência de elementos historicamente verificáveis com outros que somos convidados a descobrir nas dobras de afirmações marginais ao registo historiográfico estimula o regresso a uma memória oitocentista que carregamos sem que dela tenhamos consciência.

A laranja que inspirou o autor anónimo naquele longínquo Abril inglês ainda subsiste nos Natais açorianos e britânicos. A sua presença faz-se notar sobre as lareiras, nas árvores natalícias, na doçaria e na decoração festivas da época. Mas nem os londrinos reconhecem nas palavras “fine Saint Michael’s” um eco do pregão que anunciava a qualidade

---

10] Além das anotações de José do Canto, outras leituras distanciam-se dos números avançados pelo artigo de *Household Words*. O caso mais flagrante é o de Edward Boid, cuja obra *A Description of the Azores or Western Islands*, Londres: Edward Churton, 1835, apresenta semelhanças com os dados incluídos em “Oranges em Lemons” (o número de anos que uma laranjeira demora até atingir a maturação, por exemplo), mas diverge noutras informações (na quantidade de frutos produzidos por cada árvore, para só referir um caso que o próprio José do Canto assinala).

do fruto dourado e apetecível que vinha de São Miguel nem os micalenses recordam a sua ilha como “o País das laranjeiras”.<sup>11</sup>

O conhecimento da memória preservada na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada que a tradução de “Oranges and Lemons” proporcionou teria ficado incompleto sem as sugestões oportunas e informadas vindas do seu Director, Carlos Guilherme Riley, e sem a ajuda da Kathleen Calado no desatar de um ou outro nó mais apertado do novelo textual – duas vezes finais que se associaram ao elenco do passado e à voz da tradução para benefício desta escrita.



---

11] Expressão encontrada na brochura *Considerações patrióticas dum Insulano Micaelense*, op. cit., pág. 7.



## LARANJAS E LIMÕES

Ao ouvir a criança da rua apregoar “o melhor de São Miguel, quatro por um penny!”<sup>1</sup> quantos de nós já pensaram sequer por um instante na quantidade de interesses envolvidos, na quantidade de energias mobilizadas para a produção e transporte destes frutos do sul até aos nossos países frios e enfadonhos do norte? Quantos de nós fazem ideia das vastas extensões de terra necessárias para que cresçam estes tão apazíveis produtos do solo; do número de trabalhadores que esta cultura emprega; dos belos navios, majestosos vapores, usados para transportá-los de terras estrangeiras até às nossas costas; dos comboios utilizados em certas épocas para despachar com rapidez a carga fresca de Southampton para Londres, enquanto os consumidores dormem nas suas camas; dos blocos compactos de armazéns

---

[1] No original “fine Saint Michael’s, four a-penny!”, um pregão que reduz o topónimo e a ilha à fruta que era lá produzida.

onde eles são guardados, expostos e vendidos em leilão; da pobreza miserável e da desolação que caracterizam o grande espaço de comércio a retalho que é o mercado da laranja em Duke's Place<sup>2</sup>; dos milhares de homens, mulheres e crianças que sobrevivem com o que ganham a vendê-los nas ruas, nos navios, nas feiras, nos teatros e onde quer que haja grupos de pessoas? Talvez seja aconselhável ter algum conhecimento, mesmo que incompleto, de tudo isto e saber como é importante o papel que mercadorias aparentemente tão insignificantes como laranjas e limões desempenham num país densamente povoado como o nosso, e sobretudo como é que esta fruta, que nos chega vinda de longe e com custos elevados, é vendida nas nossas ruas a um preço mais baixo do que as nossas próprias maçãs e peras.

O leitor dificilmente precisará de ser informado de que o comércio da laranja é praticado numa escala bem maior do que o do limão. Estima-se que só em Londres se vendam anualmente mais de cem milhões do primeiro fruto e vinte milhões do segundo, sendo cerca de um quarto das laranjas comercializado nas ruas e nos teatros. A venda de fruta na

---

2] Os mercados vitorianos eram, na sua maioria, lugares mal construídos, mal ventilados e totalmente destituídos de regulamentação sanitária. Por altura da Exposição Universal de Londres, inaugurada em 1851, uma publicação (*London Exhibited in 1852*) noticiava a vergonha que era para uma nação civilizada ter mercados como o de Duke's Place. Apesar da miséria e esqualidez exibidas nesses espaços, grandes fortunas foram feitas no mercado da laranja. Este é apenas um entre muitos contrastes vincados que caracterizam o período vitoriano, suscitando, à semelhança de outros casos, críticas que exigiam intervenção legislativa para que se atenuassem as assimetrias numa Inglaterra que se mostrava ao mundo como um país exemplar, rico e industrializado.

rua é um negócio antigo, que remonta a um período anterior ao da Rainha Isabel<sup>3</sup>; tendo prosperado até aos nossos dias, deverá haver pelo menos sete mil pessoas que dele se ocupam só na metrópole, e possivelmente outras dez mil, no mínimo, estarão ligadas a ele em todo o país.

Se consultarmos as autoridades botânicas, ficaremos sabendo que a família *citrus* abrange a laranja, o pomelo, a cidra, o limão, a lima e a toranja<sup>4</sup>. Há muitas espécies diferentes destes frutos, todas originárias de países tropicais, onde existem em grande abundância. De acordo com alguns autores, há nada menos que setenta e cinco espécies de laranjas, tanto doces como amargas, quarenta e seis de limões, dezassete de cidras, oito de limas, seis de pomelos e cinco de tangerinas.

Estas variedades podem actualmente ser encontradas em todas as partes das Índias Orientais e Ocidentais, na Austrália, no Japão, na Colónia do Cabo<sup>5</sup>, na América do Sul, nos Açores, em Espanha, Portugal, França e Itália. Mesmo aqueles que nunca deixaram a Europa poderão facilmente imaginar o grande valor que estes frutos sumarentos têm para os habitantes queimados dos países tropicais; a ânsia com que os orientais procuram um pequeno pomar de citrinos e o zelo

---

3] Isabel I reinou entre 1558 e 1603.

4] O autor designa este fruto pelo nome com que foi inicialmente conhecido nalguns sítios (como, por exemplo, Barbados), o "fruto proibido".

5] A Província do Cabo da Boa Esperança, à época conhecida em Inglaterra como *Cape Colony*.



com que cuidam dele. Estes frutos são tão apreciados enquanto dádiva predilecta de uma Providência generosa que no Ano Novo, nos aniversários, nas festas de casamento e noutras ocasiões festivas, o presente mais eloquente na demonstração de respeito e de estima é um pequeno e elegante cesto cheio de laranjas e limas.

Em tempos idos, antes de o vapor e a electricidade terem despertado da sua existência sonolenta, as nossas provisões de fruta fresca tinham necessariamente de vir de países próximos. Nesses dias, recebíamos laranjas e limões de Espanha e de Portugal. A máquina a vapor<sup>6</sup> veio, no entanto, possibilitar novas fontes de abastecimento, tanto neste caso como em muitos outros, e presentemente o nosso mercado de fruta fresca está bem suprido com produtos tentadores oriundos das regiões tropicais mais longínquas. As ilhas da Índia Ocidental fornecem-nos ananases, bananas, toranjas e cidras. Os Açores, Madeiras<sup>7</sup>, Malta, Creta, assim como Espanha e Portugal, enviam-nos laranjas, enquanto os limões nos chegam de diversas ilhas do Mediterrâneo.

Apesar de não sermos tão dependentes destes frutos para a nossa alimentação quanto os habitantes de terras mais quentes, devemos-lhes uma parte significativa da promoção

---

6] José do Canto observa numa anotação manuscrita “Unicamente pelos vapores da Companhia Peninsular e não dos Açores”.

7] Optou-se por não corrigir o plural que o original apresenta, um erro que poderá dever-se ora à influência do primeiro lugar referido, cuja designação termina em -s, ora ao desconhecimento do nome exacto do arquipélago da Madeira.

da saúde pública, especialmente nas classes mais pobres, que não têm acesso a fruta cara. Uma política insensata esteve, apesar disso, em vigor até há pouco tempo. Consistiu ela na aplicação de uma taxa alfandegária à entrada de todo o tipo de frutos, incluindo as laranjas e os limões, que não competem com nenhum dos seus congéneres cultivados neste país, onde, na realidade, nunca são produzidos senão na qualidade de objectos raros nas estufas dos mais abastados e, mesmo assim, apresentando-se com um aspecto doentio e sem sabor. Uma política inteligente baixou os impostos cobrados a estes frutos e colocou as laranjas ao alcance dos mais pobres do país. [...]

As variedades de laranjas mais comuns entre nós são a São Miguel, a Lisboa, a Sevilha e a Maltesa. As primeiras são as mais afamadas devido ao seu sabor rico e delicado, e são facilmente reconhecidas pela sua pele fina e macia. Tal como o nome indica, elas são cultivadas na ilha de São Miguel, uma das ilhas dos Açores ou Ilhas Ocidentais, e também na Terceira e em Santa Maria, pertencentes ao mesmo conjunto. [...]

O cultivo da laranja nas Ilhas Ocidentais foi trazido de Portugal e encontrou condições tão favoráveis no clima e no solo insulares que actualmente substituiu quase por completo outras culturas, tendo-se tornado um elemento de extrema importância no comércio daquelas ilhas. São Miguel exporta anualmente duzentos carregamentos de aproximadamente duzentas mil caixas com mil laranjas<sup>8</sup> em

---

8] José do Canto corrige esta informação, anotando “Perdão, c/<sup>a</sup> 800 laranjas”.

cada caixa. A Terceira expede vinte ou trinta carregamentos, mas Santa Maria e Faial não se aproximam desse volume de exportações. Em todas as ilhas, a laranja é tão essencial ao bem-estar da população quanto o arroz o é para os hindus, os proventos da vinha para os habitantes do sul da França ou a apanha das maçãs para os nossos conterrâneos de Devonshire. Cada família, por mais pobre que seja, tem a sua *quinta*,<sup>9</sup> como chamam a um pomar de laranjeiras, cuja extensão pode variar entre doze e mil árvores. O dote de uma noiva de São Miguel não consiste nem em dinheiro nem em jóias, mas num determinado número de laranjeiras<sup>10</sup> carregadas de frutos, e o aldeão que conseguir dotar cada uma das suas filhas com vinte destas árvores considera-se um homem afortunado.

Estas *quintas* são arrançadas de forma muito bonita – as árvores plantadas em filas regulares, abrigadas por sebes vivas à volta para proteger as flores delicadas e os frutos novos de ventos fortes durante os equinócios. A laranjeira leva sete anos a atingir a maturação. Ao longo desse tempo, algumas colheitas de frutos verdes são recolhidas do chão, embora isso raramente aconteça depois de as árvores começarem a produzir frutos bons, à excepção dos casos em que a pobreza é maior. Elas são plantadas com uma distância de sete a nove metros<sup>11</sup> umas das outras e rapidamente atingem uma altura

---

9] A palavra aparece em português, na versão inglesa, razão pela qual figurará sempre em itálico nesta tradução.

10] José do Canto manifesta a estranheza que tal informação lhe causa com a observação “Pela primeira vez que tal ouço”.

11] No original “twenty-five or thirty feet”.

de nove metros<sup>12</sup>. É preciso muito esforço para mantê-las em bom estado, podadas e limpas de pragas, uma operação que é realizada todos os anos. O agricultor dedica toda a jornada de trabalho e as suas melhores energias a cuidar da sua *quinta*, não só durante o período de crescimento das árvores como na fase de maturação, pois é dessa produção que depende a sua subsistência tanto quanto o camponês irlandês depende do seu campo de batatas. A laranja é o seu ganha-pão.

O custo de um acre de laranjeiras ascende a quinze libras esterlinas<sup>13</sup>, oito libras<sup>14</sup> para as plantas e mais duas libras<sup>15</sup> para as pôr na terra. Durante sete anos elas não dão qualquer lucro; nos três anos seguintes, rendem meia colheita, e só a partir dessa altura começam a produzir em pleno. Algumas árvores atingem uma grande longevidade e um tamanho enorme; ouvimos falar de várias que chegam a medir dois metros<sup>16</sup> à volta da base do tronco. O seu rendimento é igualmente portentoso, chegando uma laranjeira a produzir, numa localização favorável e nas boas estações, tanto quanto vinte caixas<sup>17</sup> de mil laranjas cada, e há notícia de nada

---

12] No original “thirty feet”.

13] Cerca de 17,6 euros, ou seja, 3.520 escudos, na moeda antiga.

14] Cerca de 9,4 euros, ou seja, 1.880 escudos, na moeda antiga.

15] Cerca de 2,3 euros, ou seja, 460 escudos, na moeda antiga.

16] No original “seven feet”.

17] José do Canto volta a corrigir o texto numa anotação onde se pode ler “Perdão, 6 caixas”.

menos do que vinte e seis mil<sup>18</sup> frutos terem sido colhidos de uma destas prolíficas árvores. É, portanto, fácil acreditar que quando os frutos estão maduros seja necessário colocar apoios debaixo dos ramos para evitar que estes se quebrem com o peso.

As muitas *quintas* que existem ao longo da superfície ondulante de São Miguel, parcialmente escondidas por entre as sombras densas da folhagem verde-escura, dão à ilha um aspecto extremamente pitoresco. Algumas têm a sua humilde casa de palha e pequeno terreno cultivado; outras, de maiores dimensões, apresentam os seus “casinhos”<sup>19</sup> e ricos jardins com plantas ornamentais. Todas são encimadas por uma torre de madeira<sup>20</sup> com um pequeno mastro onde, nos dias santos, nos domingos e nas ocasiões festivas, ondeiam alegremente na aragem amena galhardetes e bandeiras, reproduzindo lá em cima os folgedos que têm lugar na rua. Nesses dias não se trabalha, sejam os moradores ricos ou pobres: fazer piqueniques, participar em festejos<sup>21</sup> de todas as espécies, com danças e cantares, e namorar na relva macia à sombra de

---

18] Nova correcção de José do Canto reduz este número para “5.000 laranjas”.

19] José do Canto risca o ‘o’, uma vez que a palavra certa seria “casinhas”.

20] O autor refere-se possivelmente ao mirante, presença habitual nas propriedades rurais açorianas.

21] No original, “tea-parties”. José do Canto risca a palavra integralmente com dois traços horizontais, revelando o seu desagrado pela intromissão da cultura inglesa no cenário açoriano.

árvores pesadamente carregadas de frutos, cujos tesouros<sup>22</sup> dourados bailam na brisa estival que sopra do mar, são as únicas actividades com que as pessoas se ocupam. Nesses refúgios frescos e aprazíveis todos se reúnem – a donzela e o seu amante, o padre, o camponês, o fidalgo, o negociante, o atarefado homem da cidade; e, entre o céu azul luminoso e a terra verde opulenta, pairam no ar o som alegre da flauta e do tambor, o canto de aves de plumagem deslumbrante,<sup>23</sup> o riso de crianças por todo o lado, o aroma perfumado das flores de laranjeira, cidreira e murta. No meio de tudo isto desenvolve-se o fruto maduro e succulento que, no prazo de uma curta semana, com a ajuda do vento<sup>24</sup> e do vapor, e depois de alguns balanços e trambolhões, será posto diante dos olhos de Londres, nas ruas de Londres, com o pregão de Londres: “only four a-penny – fine Saint Michael’s!”

---

22] O autor refere-se, certamente, às laranjas, cuja designação em inglês, *orange*, apesar de ostentar a marca da origem etimológica que reporta ao sânscrito *nārangah* (persa: *nārang*; árabe: *nāranj*) replica o vocábulo francês *or* (ouro) que é acrescentado para nomear a laranja nessas duas línguas europeias. Assim se indica o carácter precioso do fruto, reforçado pela cor que ele apresenta. A formulação “tesouros dourados dançam na brisa estival que sopra do mar” permite, portanto, uma dupla leitura, consoante os frutos estejam em terra (e balancem nos ramos impelidos pela brisa) ou sobre o Atlântico (e dancem sobre as ondas, já na qualidade de produto exportado que contribui para a riqueza das ilhas). Em ambos os casos, as laranjas são “tesouros” enriquecendo a paisagem e a economia de São Miguel.

23] José do Canto escreve a propósito desta referência: “Desejava muito de saber que pássaros são.”

24] Mais uma anotação de José do Canto regista o seguinte esclarecimento: “navios de vella”.

Nas *quintas* dos Açores, os laranjais florescem em Março e Abril, quando aguaceiros copiosos se aliam ao calor progressivo do sol e dão vida nova à vegetação. Nas melhores situações, o fruto começará a amadurecer em Outubro, e no mês seguinte pequenas quantidades poderão ser embarcadas para o mercado de Londres, onde as primeiras remessas da estação provocam sempre preços altos e vendas fáceis. No entanto, os portugueses raramente provam o fruto antes de Janeiro, quando as árvores atingem o apogeu da produção. Nos finais de Fevereiro,<sup>25</sup> a colheita estará totalmente fora das árvores e a maior parte dela longe das ilhas. Deste modo, as árvores conhecem um período de repouso muito curto entre a colheita e a floração; pode-se, mesmo, dizer que elas produzem durante todo o ano. Outros tipos de frutos são frequentemente produzidos nessas *quintas*, como limas<sup>26</sup>, goiabas, cidras, limões, etc., embora exclusivamente para consumo local. As laranjas são o único artigo exportado.

Em Espanha e em Portugal, as laranjeiras são plantadas e cultivadas de modo muito semelhante ao das ilhas, não precisando, porém, de sebes altas que lhes sirvam de abrigo. As laranjeiras do Porto e de Sevilha nem atingem dimensões semelhantes às da China e de São Miguel nem produzem tão abundantemente. A colheita média anual de uma árvore sevilhana é de oito mil laranjas. Antes de ter sido

---

25] Novo registo manuscrito de José do Canto indica o período de “Março a princípio de Abril” como o mais correcto.

26] O autor deixa de fora o limão galego, pouco conhecido em Inglaterra, mas mais presente nas quintas e nos hábitos alimentares dos açorianos.

reduzido o imposto sobre a fruta estrangeira, os importadores eram extremamente exigentes no respeitante ao tamanho das laranjas provenientes de Espanha e de Portugal. Nenhuma que apresentasse um tamanho superior à medida padrão era exportada para o nosso mercado. Para ajudar a seleccionar a fruta que deveria embarcar e a que deveria ser rejeitada, os empacotadores usavam um aro metálico com que rapidamente mediam os frutos à medida que os iam recebendo dos barcos: os que passassem pelo aro eram encaixotados, os que fossem grandes demais eram atirados ao rio – e um viajante garantiu-nos que na época da colheita ele viu o Douro completamente coberto de fruta rejeitada. Fica, assim, demonstrado um dos efeitos negativos das políticas proteccionistas. Elas causaram um desperdício enorme de todo o tipo de produtos vindos do estrangeiro. Felizmente, não se verifica agora nenhum desperdício semelhante. Sob o actual sistema de taxas baixas, são colocadas no mercado laranjas de todos os tamanhos, que podem ser adquiridas a um preço igual ao das maçãs que produzimos.

Os limões são trazidos em grandes quantidades da Sicília, onde são cultivados segundo exactamente os mesmos métodos que são aplicados à laranja nas Ilhas Ocidentais. São, no entanto, recebidos mais tarde e chegam-nos em caixotes quadrados, em vez de nas singulares caixas compridas em que são embarcadas as laranjas. Uma grande parte dos limões importados é aplicada na confeitaria, ao passo que o sumo é muito requisitado pela marinha real e mercantil para a prevenção ou cura do escorbuto, além de ser também usado na produção de químicos e de manufacturas.

O transporte dos trezentos milhões de laranjas anualmente consumidas neste país emprega não menos do que duzentas e vinte escunas, construídas à semelhança dos velozes *clippers*<sup>27</sup>. Estas embarcações ágeis podem ser vistas todos os dias entre Dezembro e Maio a descarregar a sua carga nos vários desembarcadouros de *Lower Thames Street*, em frente ao grande centro britânico da laranja que são as travessas de *Botolph Lane* e *Pudding Lane*, em Londres. [...]

Como já dissemos antes, as primeiras laranjas suscitam preços extravagantes e são avidamente compradas. Exceptuando este incitamento natural ao consumo, há um considerável espírito de rivalidade entre os vários comerciantes, e é sempre um ponto de honra ser o primeiro no mercado com fruta nova. Grandes esforços são desenvolvidos com vista à concretização deste objectivo. Os vapores trazem as primeiras remessas de laranjas de Portugal, enquanto as escunas mais velozes são contratadas para embarcar as primeiras colheitas de São Miguel. É então que intervém o caminho-de-ferro tornando possível o que até há pouco tempo era impensável. A *London and South-Western Railway*<sup>28</sup> mantém um fluxo contínuo de tráfego entre as águas de Southampton e o Tamisa. De facto, tanta energia tem sido investida nesta linha que muitos acreditam que, em breve, Southampton se transformará numa vastíssima doca e num imenso entreposto de Londres.

---

27] Optou-se por não traduzir a designação deste tipo de veleiro, uma vez que o vocábulo anglófono é facilmente reconhecido na língua portuguesa e usado no léxico náutico.

28] Empresa ferroviária que operou em Inglaterra entre 1838 e 1922, tendo sido posteriormente integrada na *Southern Railway*.

[...]

Este negócio tem características que convém não desprezar nesta breve nota pois, embora elas possam passar despercebidas à primeira vista, são importantes nos seus resultados. Uma delas é o facto de o comércio de laranjas e limões estimular a construção naval e a navegação em veleiros. Bens perecíveis, como são estes frutos, exigem um transporte rápido e, por conseguinte, por mais que o vapor faça, a expansão deste comércio repercutiu-se no aumento de um tipo de escunas velozes e competentemente tripuladas, idênticas em muitos aspectos aos iates de qualquer *gentleman* e oferecendo oportunidade para a formação admirável de marinheiros e mestres de navios.

O papel que as laranjas e limões desempenham no melhoramento da saúde da vasta massa das nossas populações urbanas é igualmente importante. Sem estes citrinos, uma quantidade assinalável dos membros das classes mais baixas seria privada de qualquer anti-escorbútico durante a Primavera e primeiras semanas do Verão, quando a ausência de vegetais e de fruta nacional duplica o valor que mercadorias como as laranjas possuem entre nós.

O sumo dos limões, ou “lime-juice”<sup>29</sup> como é chamado, é igualmente valioso durante longas viagens marítimas, as quais são necessariamente tão incompatíveis

---

29] Optou-se por não traduzir esta designação estranhamente pouco adequada ao nome que deveria ter o sumo de limão, mantendo-se, desse modo, a estranheza sentida pelo próprio autor, que usa as aspas conforme foi aqui fielmente decalcado da versão inglesa.

com um acesso fácil a vegetais e a fruta quanto propícias a um consumo de carne salgada superior ao habitual. Não será exagerado afirmar que milhares de vidas têm sido salvas pelo uso de sumo de limão a bordo, enquanto milhões de vidas em terra têm sido prolongadas e vividas com mais prazer devido à queda do preço das laranjas.

N.R. O presente texto é uma tradução (não integral) do artigo "Oranges and Lemons" publicado na revista *Household Words*, vol IX, nº 210 (1 Abril 1854), pp. 145-150.



## ILUSTRAÇÕES

### CAPA

Pormenor da “Árvore Camaleão”, escultura de Sofia Medeiros, ornamentada com laranjas de lã concebidas pela Designer de Moda Isabel Roque.  
Fotografia de António Pacheco.

### PÁGINA 6

Pormenor de um desenho representando o bulício de Londres em Hyde Park Corner. Ilustração publicada em *London and its environs. A practical guide to the metropolis and his vicinity*. Edinburgh: Adam & Charles Black. 1862.

### PÁGINA 8

Folha de rosto do vol. IX, n.º 210 (1 Abril 1854), da revista *Household Words*.

### PÁGINA 12

Fotografia de José do Canto (com 41 anos de idade c.1861-1862). Autor desconhecido. Álbum de fotografias de Ernesto do Canto. Coleção das Herdeiras de Canto da Maya.

### PÁGINA 27

Pormenor de um desenho representando o bulício de Londres junto ao arco de Temple Bar. Ilustração publicada na folha de rosto de *London and its environs. A practical guide to the metropolis and his vicinity*. Edinburgh: Adam & Charles Black. 1862.

### PÁGINA 28

Estampa colorida (c. de 1846) representando a flor e fruto da laranjeira, publicada na antologia *Antique Botanical Illustrations: 1640-1900*.

### PÁGINA 42

Desenho de Richard Beard representando uma venda de laranja em Dukes Place, Londres, e publicado na obra de Henry Mayhew, *London Labour and the London Poor*, vol. 1, London: Griffin, Bohn, and Company, 1861, p. 92.

### PÁGINA 43

Desenho de Richard Beard representando uma vendedora de fruta em Londres, e publicado na obra de Henry Mayhew, *London Labour and the London Poor*, vol. 1, London: Griffin, Bohn, and Company, 1861, p. 116.

## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

*Laranjas, Dickens e São Miguel*

### EDIÇÃO

Presidência do Governo Regional dos Açores / Direcção Regional da Cultura  
Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

### DATA

Dezembro de 2010

### TEXTOS

Nota de Abertura - Direcção da BPARPD

Vozes e escritas em "Laranjas e Limões" - Leonor Sampaio da Silva

Laranjas e Limões - Tradução de Leonor Sampaio da Silva

### DESIGN GRÁFICO

Vítor Marques

### IMPRESSÃO

Em papel reciclado branco de 100grs com o tipo *Andrade- Pro* pela NOVA  
GRÁFICA (Ponta Delgada)

### TIRAGEM

150 exemplares

### DEPÓSITO LEGAL

...../10



